

SBAT  
LIBERADO EXCLUSIVAMENTE  
PARA FINS DE CENÁRIO ADULTO  
TO. AS REPRESENTAÇÕES ESTÃO  
SUJEITAS A NOVA AUTORIZAÇÃO  
REPRESENTANTE NO R. G. SUL

P O R T E L E F O N E

Antonio Fagundes

1  
Gautier  
at 26/4

CENÁRIO| Quarto de dormir de um casal classe média-média. Uma suíte. O banheiro  
~~(esquadrado)~~, digo, à esquerda do palco. No centro, a cama de casal, um criado  
mudo de cada lado. Um abajur em cada criado mudo. Do lado do homem, no criado  
mudo, o telefone. Do lado da mulher, o despertador. À direita do palco um guarda-  
roupa, penteadeira, essas coisas. O quarto é simples.

(Palco escuro. Cláudio e Marina deitados na cama, dormem. O telefone toca. Cláudio  
acende a luz do seu abajur. Senta na cama, sonolento. Marina se mexe. Ele atende.)

CLAUDIO - Alo? ... 34-4682. É ele... pode falar, tô ouvindo... Da onde?... Ah, sei, que é que há? (Espera) Se eu falei?... Sei lá. Falei... acho.

(Claudio fica em silêncio um longo tempo ouvindo, até desligar lenta, suavemente. Marina acorda.)

MARINA - Que foi, Claudio? Apaga essa luz!

CLAUDIO (pasma) - Que horas são?

MARINA - Sei lá. Apaga essa luz e dorme.

CLAUDIO : Que horas são?

MARINA - Madrugada ainda.

CLAUDIO - Então.

MARINA - Ficou louco?

CLAUDIO - Não estou endendendo...

(Marina senta na cama)

MARINA - Que que houve?

CLAUDIO - O telefone.

MARINA - Que que houve, Claudio?!

CLAUDIO - O telefone tocou.

MARINA - E daí?

CLAUDIO - O Cara perguntou o número.

MARINA - Claudio!

CLAUDIO - E eu disse o número.

MARINA - Cê tá bem?

CLAUDIO - Aí mandou me chamar.

MARINA - Claudio, por favor, o que que houve?!

(Marina põe a mão na testa dele.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CLAUDIO - Eu disse que era eu mesmo.

MARINA - Cê tá suando frio.

CLAUDIO - Perguntou se eu tava bem acordado. - Marina! Coisa de louco, seu. Que horas são?

(Marina olha no relógio)

MARINA - 4 e 15

CLAUDIO - 4 e 15! Deixa ver?

MARINA - Que cê tem, claudio?

CLAUDIO - São 4 e 15, pôrra!

MARINA - Quer parar de fazer mistério?

CLAUDIO - tô contando: o telefone tocou, perguntaram o número.

MARINA - E daí? Cê falou o número.

CLAUDIO - O cara lá disse que era da firma.

MARINA - Que firma?

CLAUDIO - A fábrica, que firma?!

MARINA - E daí?

CLAUDIO - ~~Firma~~ Eu disse. "Daonde?" - Ele repetiu.

MARINA - You buscar um calmante.

CLAUDIO (Segura) - Não! Pera aí, ouve?!

MARINA - Volte já.

CLAUDIO (Segurando) - Ouve, tô falando!

MARINA - Tá bom. Calma, Claudio. Calma...

CLAUDIO - Eu disse: "Daonde?" Ele repetiu: "Da fábrica!" Eu falei: "Ah, sei. Que que há?" Aí ele perguntou se eu tinha falado com o Zé Armando, ontem de tarde.

MARINA - Como é que é?

CLAUDIO - Se eu tinha falado...

MARINA - O cara ligou...

CLAUDIO - ... com o Zé Armando...

MARINA - ... prá cá às 4 e 15...

CLAUDIO - ... ontem de tarde.

MARINA - da manhã prá perguntar se você tinha falado com o Zé Armando?!

CLAUDIO - Coisa louca, menina!

MARINA - Ah! É demais, né Claudio? É demais! Eles já tão abusando, tá bom?

CLAUDIO - Não ficou nisso.

MARINA - Como assim?

CLAUDIO - Tem mais.

MARINA - O que?

CLAUDIO - Eu disse. "Falei, acho. Sei lá."

MARINA - Claro! Vai lembrar uma besteira dessas às 4 e 15 da manhã?

CLAUDIO - Então.

MARINA - Aí desligaram?



CLAUDIO - Não.  
MARINA - Fala Claudio!?  
CLAUDIO (pasma) Ah!  
MARINA - O que que houve?  
CLAUDIO - O cara começou a falar do outro lado. Eu tava meio dormindo, sabe com  
MARINA - Também pudera.  
CLAUDIO - Aí ele falou: "... descontente... a firma não admitia isso..."  
MARINA - Não admitia o quê?  
CLAUDIO - Pois é. Aí eu acordei, né? Mas o cara não parava de falar. Eu fiquei ouvido até o fim  
O cara falava meio duro, sabe como é?  
MARINA - Duro como?  
CLAUDIO - Dando a bronca.  
MARINA - Dando a bronca em você?  
CLAUDIO - Em quem mais, Marina? Deixa de ser burra! Tava falando comigo, ia dar a bronca em quem  
MARINA - Sei lá.  
CLAUDIO - Aí, desligou.  
MARINA - Mas falou o que esse tempo todo? Cê não entendeu?  
CLAUDIO - Endendi! Quer dizer: Não!  
MARINA - (pausa) - Vamos dormir, vai?  
CLAUDIO - Fui despedido!  
(Marina deita e se cobre. Claudio continua sentado na cama. Apático. Depois de um tempo, Marina  
senta na cama devagar.)  
MARINA - Que foi que você disse?  
CLAUDIO - Fui despedido.  
MARINA - Quando?  
CLAUDIO - Agora!  
MARINA - Claudio quer falar direito, comigo?  
CLAUDIO - Tô falando: o cara no telefone me mandou embora, pôrra!  
MARINA - (pausa) Eu vou buscar um calmante.  
CLAUDIO (Marina vai até o banheiro. Claudio fica estático na cama. Marina vasculha no armário do  
banheiro.)  
MARINA - Qual você prefere?  
(Claudio não responde. Marina dá de ombros. Pega um comprimido, enche um copo com água da tor-  
neira e vem para o quarto.)  
MARINA - Toma.  
(Claudio pega automaticamente e bebe. Marina toma a temperatura dele com a mão na testa.)  
MARINA - Deitá, vá.  
(Ele deita. Autômato. Ela deita também. Apaga a luz. Silêncio.)  
MARINA - Claudio: (Ele não responde) Já dormiu?  
CLAUDIO - Não.  
MARINA (Acende a luz) Ele disse que você tinha sido despedido?  
CLAUDIO - "Ele" me despediu.  
MARINA - Ah.  
CLAUDIO - Falou umas coisas lá e me despediu.  
MARINA - Como era o nome dele?  
CLAUDIO - O nome dele?  
MARINA - É. Desse cara aí?

Teatro de Aragua  
Av. Borges de Medeiros, 839  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CLAUDIO - Não sei.

MARINA : Como não sabe?

CLAUDIO - Não sei.

MARINA - Um cara te telefona às 4 e 15 da manhã, fala horas com você no telefone despede do emprego e você não sabe o nome dele?!

CLAUDIO - Não sei.

MARINA - Ficou louco, Claudio?

MARINA - Ele não me deu tempo de perguntar, oras.

MARINA - Coisa idiota!

CLAUDIO - Também não precisa gritar. Não tenho saco de ficar ouvindo gritinho histérico de madrugada, não, tá bom?

MARINA - Que coisa idiota! Como é que você quer que eu fique, heim? Você me acordou nessa hora, me conta uma história idiota dessas e quer que eu fique como? Histérica, Claudio. Só posso ficar histérica, pôrra!

CLAUDIO - E eu tenho culpa?

MARINA - Mas não perguntou nem o nome do cara?

CLAUDIO - Já te disse: o cara falou que era da fábrica. Eu tava meio dormindo, e queri de ~~XXXXXXXXXX~~ perguntar.

(Marina levanta.)

CLAUDIO - Onde rã vai?

MARINA - Tomar um calmante.

Marina vai até o banheiro e toma uma pílula. ~~XXXXX~~ Volta entra na cama e apaga a luz. Silêncio.)

CLAUDIO - Marina?

MARINA - Hum?

CLAUDIO - Tá dormindo?

MARINA - Não.

CLAUDIO - Foi trote, né?

MARINA - Cê tá gozando.

CLAUDIO - Por que?

MARINA - Claro que foi trote, imbecil!

CLAUDIO - O cara repetiu umas coisas lá que eu disse pro Z

MARINA - Que coisas?

CLAUDIO - Umas coisas, lá.

MARINA - Dorme, Claudio, dorme.

CLAUDIO - Que eles ~~xxxxx~~ subornavam o governo prá poder funcionar. (Silêncio) Que o governo tava no ~~xxxxxxx~~ bolsinho do colete de tоста de ferro da fábrica. (Silêncio) Que era tudo capital estrangeiro e que só ~~subornar~~ o mesmo é que a fábrica podia funcionar, porque o produto que a gente fabrica tá proibido no mundo inteiro. Dá câncer - eu falei. (Silêncio) E que se eles fossem mesmo averiguar as



condições de segurança do trabalho dos empregados, aí é que a fábrica não funcionava nem mais um dia mesmo. Fora a poluição. Aquela gosma toda no rio. (Silêncio) Eu falei prá ele que eu tinha visto uns barcos da fábrica catando os peixes mortos do rio e enterrando tudo rapidinho, rapidinho, no dia que o ministro foi lá. Mais meia hora e ele ia ver tudo: aquela desgraça toda boiando no rio. Da minha janela dá prá ver direitinho. Uma vez por semana eles despejam o ácido lá e é a maior zona: os peixes pulam quase um metro prá fora d'água e aí: Pã! Cai tudo morto. Parece pipoca. Fica igual um chão de peixe. Aí, acho que a correnteza leva tudo e o rio fica limpinho, limpinho. A desgraça de continuar rio abaixo, né? Não entendo como ainda não reclamaram. Deve estar tudo subornado, também. Mas no dia que o ministro veio visitar a fábrica, eles tinham soltado o ácido bem de manhãzinha. Acho que o cara veio tipo surpresa. Foi uma puta correria prá limpar o rio que eu nem sei como é que eles conseguiram disfarçar o cheiro. E as roupas que eles deram pros operários, então? Foi a maior zoeira na fábrica. Putz! Os coitados nem sabiam como calçar aquelas luvas, botas e chapéu e máscara. Depois que o ministro saiu eles devolveram, claro. E é claro que só deram essas coisas pros operários das seções onde o ministro foi, né? Não são bestas. Eu falei pro Zé: - "tá vendo? Cê acha que se eles não tivessem tido comprado, o négo aí - o ministro - não ia nem perceber que tava tudo com roupa novinha, que tava tudo limpinho demais, com vinco nas calças?" (ri) Já pensou, menina? Operário de fábrica com vinco na calça? O ~~se~~ perseguido.

Marina acende a luz e senta na cama lentamente. )

CLAUDIO - Queria ver a cara deles - eu disse - se ele soubesse a história da caldeira. "Que história?" - o Zé falou. "Ah, ah, ah, que história?", eu disse, vai me dizer que você não sabe?" Ele falou que não sabia. Aí é que eu vi como eles conseguiram abafar mesmo a coisa toda. Nem o Zé sabia!

MARINA - Que história, Claudio?

CLAUDIO - Eu não te contei?

MARINA - Não, não me contou.

CLAUDIO - Até eu, heim? (Ri) Viu só? Até eu guardei segredo, heim? (morre de rir)

MARINA - Que história, Claudio?

CLAUDIO - Foi terrível, menina.

MARINA - Tô ouvindo.

CLAUDIO - A caldeira lá da fábrica tem que ser limpa três vezes se não entope tudo.

MARINA - Sei.

CLAUDIO \*- Acontece que prá limpar tem que parar tudo uma semana.

MARINA - Por que?



CLAUDIO - Primeiro por que tá quente para, tem que esperar esfriar. Depois le-  
dois dias prá limpar. Agora pensa só: o drama dos gringos: eles têm dois tur-  
de empregados, um de dia outro de noite, prá faturar o que pode e o que não  
e. A fábrica não para nem prá nada. Vão parar uma semana de três em três me-  
prá limpar uma caldeirinha?

MARINA - E daí?

CLAUDIO - E daí que quando chegou na hora de limpar a pôrra da caldeira, eles  
daram os operários entrar lá dentro antes do prazo de segurança que é de qua-  
dias, prá esfriar bem.

MARINA - Sei.

CLAUDIO - O cara entrou no segundo dia.

MARINA. Mandaram.

CLAUDIO - Claro. Quer dizer, mandaram... só faltaram enfiar o cara lá dentro...

MARINA - Empurraram ele?

CLAUDIO - Modo de falar, né Marina?!

MARINA - Conta logo, Claudio!

CLAUDIO - Os caras bronquearam. Que tinha que esperar. Que dois dias era pouco,  
tava quente... essas coisas...

MARINA - Sei.

CLAUDIO - Até o chefe de seção concordou com eles. O prazo de segurança é de  
dois dias, não podia entrar antes, mesmo.

MARINA - Claro.

CLAUDIO - Aí ele foi falar com o chefe.

MARINA - Que chefe?

CLAUDIO - O chefe, lá dele.

MARINA - O chefe de seção tem chefe?

CLAUDIO - Todo mundo tem chefe, né Marina?!

MARINA - Todo mundo, não!

CLAUDIO - Quem não tem?!

MARINA - O chefe!

CLAUDIO (Pausa) - Ah.

MARINA - E aí?

CLAUDIO - Aí ele voltou puto, mas com uma ordem por escrito do big boss lá de  
na.

MARINA - Por escrito?

CLAUDIO - Que não ia admitir subversão na fábrica, que ordem de patrão não era  
ser contestada, chamando os caras de comunista...

MARINA - Nossa!

CLAUDIO - Quer dizer: era entrar ou sair. Da fábrica.

(Silêncio)

MARINA - E aí?

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



LAUDIO - Precisa contar?

MARINA - Que que ouviu?

LAUDIO - Tinha uns lá que era puta velha: se recusaram. O chefe de seção começou a ficar puto, ameaçando Deus e o mundo, a maior zona...

MARINA - E aí?

LAUDIO - Um dos operários era novo, sabe como é: casado há pouco, filho pequeno... essas coisas.

MARINA - Entrou?!

LAUDIO - Cozinhou o sangue dele em dois segundos.

MARINA - O que?

LAUDIO - Isso aí que você tá ouvindo. Cozido vivo. Foi um fuzuê danado. O pior que ninguém pôde fazer nada prá ajudar, tá bom? Ficou todo mundo ali olhando e não poder fazer nada!

MARINA - Meus Deus.

LAUDIO - O menino gritando lá dentro.

MARINA - Ainda gritou?

LAUDIO - E não? O sangue cozinhando dentro do corpo...

MARINA - Não conta!

LAUDIO - Todo mundo olhando e chorando e gritando do lado de fora, e o outro lá

MARINA - Tá me enjoando...

LAUDIO - ... queimando inteiro, cabelo, tudo...

MARINA - Não conta...

LAUDIO - Diz que ele queria sair mas não dava: tinha grudado no chão...

MARINA - Tá me enjoando, Claudio...

LAUDIO - Imagina eles, então, com cheiro e tudo...

MARINA - Claudio!

Marina levanta correndo com a mão na boca e vai para o banheiro. Vomita. (Silêncio. Descarga de privada. Marina volta. Branca. Encosta na porta.)

MARINA - Meu Deus do céu.

LAUDIO - Terrível.

MARINA - Minha Nossa Senhora.

LAUDIO - Pois é. (pausa) Três dias depois eles entraram lá, a caldeira já estava fria... encontraram o cara pretinho, pretinho.

MARINA - (Enjoada) Carbonizado!

LAUDIO - Isso aí. Pretinho.

MARINA - E aí?

LAUDIO - Abafaram tudo, né?

MARINA - É?

LAUDIO - Então. Pegaram os outros da limpeza da caldeira.

MARINA - Exax Os que viram tudo?

LAUDIO - É. Deram férias de dez anos prá eles.



MARINA - Dez anos?

CLAUDIO - Modo de dizer. Encheram os caras de dinheiro e mandaram eles prá casa.

MARINA - Que horror, Claudio.

CLAUDIO - Pro chefe da seção é que foi bom...

MARINA - Como assim?

CLAUDIO - Inventaram um cargo lá prá ele: conferencista,

MARINA - Que que é isso?

CLAUDIO - Pois é, nem eles sabem. Deram uma sala toda carpetada pro cara. Tripliquearam o salário dele, secretária, tudo. Fica lá o dia inteiro coçando o saco.

MARINA - E a família?

CLAUDIO - Tá feliz da vida, que que cê acha?

MARINA - A família do operário.

CLAUDIO - Ah, essa! Que que eles podiam fazer: o chefe da seção foi lá e disse que o operário era rebelde, indisciplinado, não cumpriu as ordens direito e entrou na caldeira dois dias ~~antes~~ antes do prazo de segurança. A mulher acabou até pedindo desculpa prá ele.

MARINA - Não deram nada prá ele?

CLAUDIO - Deram lá uns trocadinhos, coitada. Deram um emprego de faxineira na fábrica.

MARINA - Que horror, Claudio.

CLAUDIO - Cê não sabe da missa a metade. As coisas que eu sei daquilo lá!...

MARINA - Você nunca me conta nada!...

CLAUDIO - Não gosto de misturar.

MARINA - Não tem confiança em mim, isso sim...

CLAUDIO - Ah, Marina, não começa, vá? Se eu não tivesse confiança ia contar agora? Não gosto de misturar. Trabalho, trabalho. Família, família!

MARINA - Mas isso não é trabalho, né Claudio!

CLAUDIO - É o que então?

MARINA - Fofoca.

CLAUDIO - Desde quando operário carbonizado é fofoca?

MARINA - Ah. Eu acho.

CLAUDIO - Faz o favor de me dizer desde quando?†

MARINA - Isso é coisa que não acontece sempre.

CLAUDIO - Como não acontece sempre?!

MARINA - Acontece?!

CLAUDIO - Todo dia!

MARINA - Morre um operário por dia, lá?

CLAUDIO - Ah, Marina. Deixa de ser besta!

MARINA - Besta por que?

CLAUDIO - Claro que não morre um operário por dia, mas cada dia tem uma coisa de





~~XXXX~~ sas acontecendo por lá. Puta fábrica daquelas...

MARINA - E você nunca se lembra de me contar nada!

CLAUDIO - Tenho coisa mais importante prá pensar!...

MARINA - Não desconversa, não senhor: nunca me conta nada. É sempre assim...

CLAUDIO - Vou agora ficar trazendo tragédia prá dentro de casa?!

MARINA - ~~XXXXXX~~ ... fico aqui o dia inteiro trancada...

CLAUDIO - MARINA, não começa?!

MARINA - É isso mesmo. É assim que a gente é tratada...

CLAUDIO - Pelo amor de Deus...

MARINA - Amulher é sempre uma chata...

CLAUDIO - ... não começa com lenga-lenga....

MARINA - Pros outros tudo, prá mulher nada!

CLAUDIO - Puta que pariu, pára com isso!

MARINA - Vai dizer que não?

CLAUDIO - O que?!

MARINA - Vai dizer ~~xx~~ que com os outros não é diferente? Esse Zé Armando aí, sabe mais da sua boca do que eu! Sua mulher!

CLAUDIO - Sabia?

MARINA - Claro que sabia. Mulher é assim mesmo: móveis e utensílios...

CLAUDIO - Marina?!

MARINA - ... não serve prá nada!..

CLAUDIO - Pára com isso?!

MARINA - Dezesseis anos de casada...

CLAUDIO - Que merda, Marina.

MARINA - ... e nunca...

CLAUDIO - Quer parar de encher?...

MARINA - ... nunca...

CLAUDIO - ...o saco com essa história...

MARINA - ... em dezesseis anos...

CLAUDIO - .... de eterna rejeitada?!...

MARINA - ... de casada, você chegou...

CLAUDIO - Quer parar?!?!!

MARINA - ... e me contou uma coisa espontaneamente.

(Silêncio. Os dois se encaram ofegantes.)

CLAUDIO (Maldito) - Já te contei a história da nutricionista.

MARINA - Ah?

CLAUDIO - Da nutricionista, já contei?

MARINA - Claro que não. Não precisa nem perguntar!...

CLAUDIO (Respira fundo. Maldito) - Botaram uma circular no restaurante...

MARINA - Nunca me falou da comida...

CLAUDIO - ... prá todo o pessoal...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARINA - ... se é boa...

CLAUDIO - O quê, Marina?!

MARINA - Nunca me falou se a comida é boa, se é ruim... Nunca!

CLAUDIO - Quer ouvir ou não quer?

MARINA - Fala.

~~XXXXX~~ CLAUDIO - Anunciaram na tabela do restaurante que a comida agora ia ter o controle de uma nutricionista.

(Silêncio)  
MARINA - E aí?

CLAUDIO - Não. Tô dando essa pausa prá você avaliar bem a situação: quarenta mil funcionários, pensa bem. Quarenta mil!

MARINA - E daí?

CLAUDIO - Mal dá prá ~~ix~~ fazer a comida direito prá todo esse mundaréu de gente, eles anunciam uma nutricionista?

MARINA - Ah, Claudio. Também não é assim, vá?

CLAUDIO - Tá bom. Os operários não tem saída mesmo. Uma hora de almoço: ou leva marmitta ou come lá. Eles comem lá. Quer dizer, comiam...

MARINA - Não entendi.

CLAUDIO - Já vai entender. No dia que eles anunciaram que a nutricionista tava lá trabalhando...

MARINA - Que que faz uma nutricionista?

CLAUDIO - Calcula o tipo de comida tem mais vitamina prá alimentar melhor o operário.

MARINA - Olha aí: tá ~~ixixix~~ doendo?

CLAUDIO - O que?

MARINA - Me contar isso tudo?

CLAUDIO - Prá mim, não!

MARINA - Nem prá mim.

CLAUDIO - (Maldito) Então. No dia que a nutricionista entrou, o Zé...

MARINA - Zé Armando?

CLAUDIO - Não. O Zé é um operário lá do almoxerifado.

MARINA - Sei.

CLAUDIO - O Zé tava sentado comendo o PF dele...

MARINA - Que que é PF?

CLAUDIO - Prato feito.

(Claudio está muito paciente. Explica tudo. Marina Feliz. )

CLAUDIO - Pois é. Ele tava comendo e comentou com o cara do lado: "Essa tal nutricionista já tá funcionando". "Como é que você sabe?", o outro falou. Aí o Zé respondeu: "Botaram um pedaço de carne no prato de cada um, olha só?" E espetou o garfo e suspendeu um rato que tava no prato dele.

(Claudio faz toda a mímica de ~~ix~~ espetar e suspender, e aí fica segurando o rato imaginário quase rosto de Marina, maldito. Marina fica muda: Estática. O



ta a entender.

MARINA - Sssssei.

(Silêncio. Marina começa a perceber o que ele acabou de contar. Vai fazendo cara de nojo, põe a mão na boca e corre para o banheiro. Claudio fica ainda um tempo segurando o rato imaginário, vitorioso. Marina vomita no banheiro. Silêncio. Descarga de privada. Marina surge na porta. Branca.)

MARINA - Cê inventou.

CLAUDIO - Não queria saber das histórias da fábrica?

MARINA - Cê inventou isso prá me sacanear!

CLAUDIO - Se lesse um jornal de vez em ~~quando~~ quando ia ficar sabendo dessa história inteirinha...

MARINA - Deu no jornal?

CLAUDIO - Essa ~~reclamação~~ eles não conseguiram abafar. Também: já pensou quarenta funcionários quebrando um restaurante?

MARINA - Quebraram tudo?

CLAUDIO - Tá até hoje fechado prá reforma.

MARINA - (Cara de choro) Você inventou, Claudio?

CLAUDIO - Já te falei: essa saiu no jornal, mas eu sei de mais que eles nem sonham saber. Igual a da caldeira. Tem a do ácido, quer saber?

MARINA (Começa a chorar) - Pera, Claudio?!!!!

CLAUDIO - Não reclamou que queria, queria, queria que eu contasse. Tá, contei! Agora aguenta.

(Marina chora baixinho)

CLAUDIO - Teimosa! Vive desconfiado, nunca vi. Quero te poupar dessas coisas. Mas, não! Tem que encher o saco: porque eu não conto; por que isso; por que a quilo...

(Silêncio)

MARINA - Que coisa horrível!

(Marina tem um arrepio de nojo)

CLAUDIO - Isso não é nada, tô falando...

MARINA - Isso não é ~~nada~~ nada?

CLAUDIO - Fico aqui a noite inteira te contando as histórias de lá...

MARINA - Como é que você fica sabendo de tanta coisa?

CLAUDIO - Sabendo,oras...

MARINA - Como?

CLAUDIO - Presto atenção, né? tô ligado. E quer saber do que mais? Todo mundo sabe de tudo lá dentro. É que ninguém fala nada.

MARINA - Esse Zé Armando aí não sabia.

CLAUDIO - Pois é. Estranho ele não saber, né?

MARINA - E você contou tudo prá ele.



CLAUDIO - Ele ficou bobo.

MARINA - Você contou tudo isso prá ele?!

CLAUDIO - Ele ficou louco. Ficou pedindo prá eu contar mais e mais e mais. Ficou bobo.

MARINA - Você!

CLAUDIO - Não, ele.

MARINA - Idiota!!!

CLAUDIO - Que é que há, heim?

MARINA - Você contou tudo isso, seu imbecil? Você contou tudo isso prá esse cara?

CLAUDIO - Conteí, que que tem?

MARINA - Quem é esse Zé Armando, Claudio?

CLAUDIO - Um cara lá firma, oras.

MARINA - O que que ele faz lá?

CLAUDIO - Sei lá: Da diretoria, acho.

MARINA - E você contou prá ele tudo o que você sabia?

CLAUDIO - Qual é, Marina? tô nessa fábrica há quinze anos, tinha que saber das coisas mesmo, qual é?

~~XXXXXXXX~~ MARINA - Claudio, Pelo amor de Deus. Você não percebeu a cagada que você fez?

CLAUDIO - Que cagada, ficou louca?

MARINA - Você contou prá um cara da diretoria da fábrica coisas que nem ele sabia, pôrra!

CLAUDIO - Prá você ver como eles fazem bem as coisas...

MARINA - Claudio!

CLAUDIO - Que é porra? Tá gritando, por que?

MARINA - Presta atenção?!

CLAUDIO. Hã.

MARINA - O telefonema.

CLAUDIO - Que é que tem?

MARINA - O cara no telefone não disse alguma coisa sobre esse tal de Zé Armando?

CLAUDIO (Pausa) Perguntou se eu tinha falado com ele, ontem de tarde.

MARINA - Você falou.

CLAUDIO - (Pausa) Foi ontem de tarde que eu contei essas coisas prá ele.

(Silêncio)

CLAUDIO - Cê acha?...

MARINA - Idiota!

CLAUDIO - O Zé Armando?

MARINA - Quem mais?

CLAUDIO - O que ~~ax~~ que ele ganha com isso, pôrra?!

MARINA - Prestígio, idiota! Ele correu lá na sala do chefe e disse que tem um

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



imbecil de um funcionário ná fábrica que tá falando cobras e lagartos do jeito que a fábrica funciona, e que é perigoso, pode pegar mal, etc. e tal, e o panã ca do Sr. Claudio José Soares, às quatro e quinze da manhã, sem mais nem menos é despedido, pôrra!

CLAUDIO - Não pode ser, Marina.

MARINA - Não pode ser o quê, Claudio?

CLAUDIO - Eu trabalho lá quinze anos, pôrra!

MARINA - E daí?

CLAUDIO - Eles não podem fazer isso comigo.

MARINA - Não fizeram?

CLAUDIO - Eu tô lá há quinze anos! (Se desespera) Quinze anos! Nos primeiros cinco anos eu nem cobrava horas extra, pôrra, Marina cê lembra? Eu não cobra va hora extra! O décimo terceiro eles só pagarem depois do sexto ano que eu tava lá, e eu nunca ~~reclamei~~ reclamei, Marina tá lembrada? Cê pensava que eu tinha u--a amante, pôrra, de tanto ~~xxxx~~ que eu trabalhava prá'aqueles filhos da puta. Eles não podem fazer isso comigo, pôrra. Quinze anos são quinze anos, não é uma semana. É metade de uma vida de trinta, pôrra!

Agora é assim? Telefona e vai mandando embora? Marina?!

(Claudio levanta correndo e vai para o banheiro. Bate a porta.)

MARINA - Que foi? Claudio, que foi? Fala comigo. Claudio. Pelo amor de Deus, que que tá havendo? Claudio?!

(Marina começa a bater na porta do banheiro, com força.)

MARINA - Claudio? Abre, por favor. Para com isso. Abre, Claudio?!

(Ouve-se a descarga da privada. A porta abre. Claudio branco.)

Claudio - Caganeira.

(Marina arreja na cama)

Marina - Não faz mais isso comigo, Claudio. Puta susto!

CLAUDIO - Coisa louca, Marina. Não pode ser. É loucura. Foi trote.

MARINA - O cara do telefone não te disse tudo que ~~xxxx~~ você contou prá esse viado aí do Zé Armando?

CLAUDIO - (Num repente) O Zé Armando!

(~~Recl~~ Claudio vai correndo até a gaveta do criado-mudo e começa a procurar.)

MARINA - Que é?

CLAUDIO - O telefone dele, onde tá?

MARINA - Do Zé Armando?

CLAUDIO - Claro. Porque eu não pensei nisso antes. Vou ligar prá ele, pôrra.

MARINA - Isso aí. A gente fica sabendo o que houve...

CLAUDIO - Tá aqui! Disca aí: 287-5786.

MARINA - Tá chamando.

CLAUDIO - Dá aqui. (Pausa) Pôrra. Não atende!

MARINA - Deixa tocar.



CLAUDIO - Alô? ... daonde fala?... Eu queria falar com o Zé Armando.

(Claudio faz uma cara de moleque que levou bronca e desliga rápido)

MARINA - Que foi?

CLAUDIO - Puta que pariu. Tinha esquecido!

MARINA - O que?

CLAUDIO - São quatro e meia da manhã, pôrra.

MARINA - E daí, Claudio?

CLAUDIO - Como e daí? Isso lá é hora de ligar pros outros? A mulher ficou puta!

MARINA - Me dá essa merda aqui?!

CLAUDIO - Que que você vai fazer?

MARINA - Me dá aqui? Diz aí o número.

CLAUDIO - Não, Marina. A gente espera.

MARINA - Espera o caralho. Cê foi despedido por causa desse viado, já esqueceu?

Me dá o número?!

CLAUDIO - 287-5786

MARINA - Quero ver ficar puta comigo!

CLAUDIO - Vai com calma.

MARINA - Calma o caral... Alô? Quero falar com o Zé Armando? São quatro e meia da manhã, porque? Vai chamar logo antes que eu perca a paciência, t'á bom?

(Silêncio)

CLAUDIO - Foi chamar?

MARINA - (Pausa) - Desligou!

CLAUDIO - Que filha da puta!

MARINA - Na minha cara.

CLAUDIO - Dá aqui!

MARINA - 287-5786

CLAUDIO = Que filha da puta. Quero ver?!... Alo! Aqui quem está falando é o senhor Claudio José Soares...

(Claudio vai fazendo uma cara de espanto atrás da outra e desliga.)

MARINA - Que foi.

CLAUDIO - Cada palavrão! Tinha uns que eu nem conhecia!

MARINA - Mulherzinha filha da puta!

(Marina pega o telefone e discar furiosa.)

MARINA - Ocupado.

CLAUDIO - Tirou do gancho.

MARINA - Filho da puta!

CLAUDIO - Que mulherzinha filha da puta!

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARINA - O viado tá dormindo, pôrra. Armou a tua cama, foi prá casa, comemorou com a vaca da mulher dele e foi durmir.

CLAUDIO - Filho da puta!

(Claudio começa a tirar o pijama. Vai até o armário e tira uma roupa para trocar.)

MARINA - Que que você vai fazer?

CLAUDIO - Vou tirar esse cara da cama debaixo de porrada!

MARINA - Vou com você!

(Marina também começa a procurar roupa no armário.)

CLAUDIO - Não amor, Melhor, não.

MARINA - Por que?

CLAUDIO - Pode engrossar.

MARINA - Engrosso junto, quero ver?!

CLAUDIO - Não, amor.

MARINA - Imagine, Claudio se eu vou deixar você ir sozinho!

CLAUDIO - Pode engrossar, Marina.

MARINA - Já falei: engrosso junto. Você pega o viado e eu arranco os cabelos daquela filha da puta!

CLAUDIO - Marina!

MARINA - Besteira, Claudio.

CLAUDIO - Eu não quero que você vá, Marina. Eu fico nervoso.

MARINA - Nervosa vou ficar eu de ficar aqui te esperando.

CLAUDIO - Depois a gente não sabe direito se foi ele mesmo que fez isso...

MARINA - Quem mais podia fazer?

CLAUDIO - Sei lá. Outra pessoa.

MARINA - O cara não falou o nome dele?

CLAUDIO - Falou. Mas isso não quer dizer nada. Eu tenho que perguntar prá ele antes, prá saber, tá entendendo?

MARINA (INTENCIONAL) - Sei!

CLAUDIO - Não tô arregando, não. Tem que perguntar, pôrra, não posso ir dando porrada logo de cara.

MARINA - Tá bom. Eu vou junto perguntar.

CLAUDIO - Não quero!

MARINA - Porque isso, agora?

CLAUDIO - Você vai junto eu fico nervoso, perco a cabeça, vai ver não aconteceu nada, foi trote, uma sacanagem qualquer aí de alguém que tá querendo me encher o saco. Eu perco a cabeça, dou umas porradas no Zé Armando, e aí? Como é que fica? Perco o emprego de verdade...

(Toca o telefone, os dois se olham. Vão olhar no relógio, são 5:00 horas. Claudio atende.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CLAUDIO - Alô? ... 34 46 82... É. Ele mesmo.

MARINA - Quem é?

CLAUDIO - Ô, Zó Armando. Como vai?

MARINA - Filho da puta.

CLAUDIO - Fui eu sim. Liguei... Como?... Não! ... Absolutamente! Nós não fomos, não. Ao contrário...

MARINA - Que que é?

CLAUDIO - Ela deve ter se enganado, você me desculpe, mas absolutamente nós não ofendemos ninguém...

MARINA - Aquela vaca! Ofendemos, sim, pôrra!

(Claudio tapa o bocal)

CLAUDIO - Marina, por favor?!

MARINA - A puta foi reclamar com o maridinho!

CLAUDIO - (para o telefone) Não. Tudo bem... acho que foi um engano dela... mal entendido...

MARINA - Pôrra, Claudio.

CLAUDIO - Claro. A hora é imprópria, sim. Peça desculpas a ela por mim...

MARINA - A mulher te chinga até de não sei o que, e voce é que pede desculpas?!

CLAUDIO - Tá certo... sinto muito...

MARINA - Claudio!?

CLAUDIO - Tá bom. Desculpe.

(Claudio põe o fone no gancho.)

MARINA - Que foi?

CLAUDIO - Falou o diabo. Que a gente pensa que é o quê? Ligar prá casa dele num hora dessas, ofender a mulher... tava puto.

MARINA - Claudio!!?

CLAUDIO - Que é, Marina? Tá me enchendo o saco esses teus gritinhos, tá sabendo?

(Marina entra correndo no banheiro. Claudio não se mexe. Ela bate a porta. Silêncio. Claudio arruma as roupas no armário. Vai até o banheiro e bate na porta.)

CLAUDIO - Marina? Desculpa, vá? Tô nervoso. Marina? Vem aqui, a gente conversa com calma. Deixa de besteira, vai? Eu tava nervoso. Vamos conversar com calma.

(Descarga de privada. Marina abre a porta. Branca.)

MARINA - Caganeira.

CLAUDIO - Senta aqui, vá?

MARINA - Claudio, pelo amor de Deus! o cara fez a tua caveira, te despediram. Você liga prá ele, a mulher dele te chama de filho da puta prá baixo. O cara te liga depois e te dá a maior bronca. Você além de não falar nada do que devia, ainda pede desculpa?! Tenha a santa paciência!

CLAUDIO - Tá bom. Vou ligar agora prá ele, tá bom? Não se fica nervosa. Assim com calma a gente se entende. Dá aqui o telefone. Pronto. Diz que número?

MARINA - 287-5786.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Mello, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





CLAUDIO - Pronto. Tá vendo?... Alô? O Zé Armando, por favor. (Silêncio) Alô? (Claudio reage)

MARINA - Que que ele tá dizendo?

(Claudio não responde. Ouve muito tempo.)

MARINA - Que que ele tá dizendo, Claudio?

(Claudio tapa o bôcal)

CLAUDIO - Tá me chingando!

(Marina arranca o telefone da mão de Claudio.)

MARINA - Escuta aqui, seu filho de uma puta! Vai chingar o cú da tua mãe, seu corno enfeitado. Cala a boca! Vai me ouvir direitinho, sim, seu viado sifilítico! Se falar assim mais uma vez com o meu marido eu vou aí e corto o teu saco fora. A dentada! Seu bosta. Seu filho de uma égua! (Silêncio. Arfante, Marina muda de voz, fina.) Agora o Claudio, meu marido, tem umas coisas prá conversar com o senhor. Um momentinho, por favor? (Dá o telefone para o Claudio) Fala!

CLAUDIO - Alô?... Sim, claro. Tenho...

MARINA - Tá direitinho?

(Claudio faz que sim.)

CLAUDIO - É. Realmente eu tenho... Um probleminha...

MARINA - Probleminha?!

CLAUDIO - Ligaram prá cá, às quatro e quinze da manhã... É. Lí da firma. Quer dizer, dizendo que era lá da firma... Bom. Depois de falar um monte de coisas me despediram...

MARINA - Conta que falaram o nome dele.

CLAUDIO - Pois é. É que tocaram no seu nome... que eu tinha contado prá você umas coisas sobre a fábrica. O que eu te falei ontem, lembra?... É... eles tocaram não só. Falei... Falei prá você... Falei... Então, como?... O quê?

MARINA - Que foi?

CLAUDIO - Não ~~xxxxxxxx~~ tô entendendo... Não! Péra ai?... Eu falei prá você!

MARINA = Que que ele tá dizendo?

CLAUDIO - Mas isso não tem nada que... Péra aí?! Absolutamente não tinha nada que ir falar...

MARINA - Que que é, Claudio?

CLAUDIO - Eu falei prá você! E daí: que eu tava descontente com a firma na fábrica, que a fábrica não ia admitir isso... É. Ora pórra: me despediram... Como é que é?!!!!

MARINA - Que foi?

CLAUDIO - Seu filho de uma puta!!... Falo, sim senhor, que eu quiser, seu viado de merda, dedo-duro, filho de uma puta... Alô! Alô!

(Claudio bate o telefone)

MARINA - Que foi, Claudio?



CLAUDIO - Filho da puta!

MARINA - Que que ele disse?

CLAUDIO - Filho de uma puta!

MARINA - Claudio!?

CLAUDIO - Sabe o que foi que ele falou?

MARINA - Fala!

CLAUDIO - Que se eu tinha dito tudo aquilo é porque eu tava descontente com a fábrica, e se eu tava descontente não tinha nada que ficar cobrando dele, dele ter dito isso lá na diretoria, e que se eu tinha falado, eu que me fodesse. Filho da puta!

MARINA - Que viado!

CLAUDIO - Que cara de pau, Marina! Foi ele mesmo que armou tudo. Cê tinha razão. Ele que foi lá contar, fazer a caveira. Puta que pariu. Eu fui despedido por causa de um bosta desse, Marina! Puta que pariu.

(Claudio furioso começa a chutar as coisas. Jogar coisas no chão.)

MARINA - Calma, amor!

CLAUDIO - Filho da puta!

MARINA - Amor?!

CLAUDIO - Melhor cara de pau, Marina. Que merda.

MARINA - Calma. Vou te dar outro calmante, pôrra aí?!

(Marina corre até o banheiro e traz o vidro de remédio.)

CLAUDIO - E os filhos de uma égua não esperam nem o dia amanhecer: quatro e quinze da manhã!

MARINA - Toma, vai, toma?

(Claudio toma o comprimido automaticamente. Marina também toma.)

CLAUDIO - Por telefone, Marina. Quinze anos dando o rabo pré eles. Tudo. Tudo o que eles pediram, absolutamente tudo eu fiz. Quase sacrifiquei o casamento por causa daquela merda. E os viados me mandam embora por telefone...

MARINA - Calma, amor.

CLAUDIO - Que calma, pôrra? Quinze anos de vida vida!

MARINA - Calma. Pelo menos agora cê já sabe como foi...

CLAUDIO - Bele merda!

(Marina abraça Claudio. Maternal.)

MARINA - Tá, amor... calma. Calma, vai?

(Claudio começa a soluçar no colo de Marina.)

MARINA - Pronto. Fica calmo. Já, já o remédio vai fazer efeito, cê vai acalmar. Isso... assim... Até que não é tão ruim assim. Cê vai ter um tempinho de folga, vai arrumar emprego em outro lugar, com calma. Vai ser até melhor, cê vai ver. Só com o dinheiro do Fundo de Garantia, Séria, décimo terceiro, isso tudo. Me dá indenização. Olha aí? Vão ter que te pagar indenização! Claudio?!

(Claudio com cara de bobo.)

MARINA - (Se animando.) Vão ter que te pagar uma puta indenização, pôrra. Quinze anos! Não podem te mandar embora assim, assim... Uma nota, Claudio!

(Marina levanta radiante.)

MARINA - Faz as contas, Claudio. Faz as contas. Quanto é que eles têm que te pagar, Claudio? Vamos tirar umas férias de dois meses! Na Europa! Que loucura, meu Deus!

(Claudio levanta correndo e vai para o banheiro.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARINA - Meu Deus do céu. Quanto é de fundo de garantia? 8% ao mês, né? Deixa ver.

(Marina pega uma caneta e começa a fazer os cálculos.)

MARINA - 8%. Quanto é que você ganhava no começo, amor? Claudio!?

CLAUDIO (No ~~xxxxxxx~~ banheiro) - Ah?!

MARINA - Quanto você ganhava ... deixa prá lá. Vamos fazer uma média de quinze mil por mês. 8% dá: mil e duzentos por mês. Vezes doze: quatorze mil e quatrocentos... (Marina vai se excitando). Quatorze mil e quatrocentos por ano vezes quinze: ... Claudio?! Cento e dezessete mil cruzeiros! Fora juros, correção monetária... Claudio, tá ouvindo? Sem contar o décimo terceiro, as férias. E a indenização?! Deve ser uma fortuna!...

(Claudio abre a porta. Branco.)

CLAUDIO - Tô mal, ~~xxxxx~~ viu?

MARINA - Que foi?

CLAUDIO - Caganeira.

(Claudio vai até a cama. Senta.)

MARINA - Cê ouviu as contas? Uma fortuna, rapaz!

CLAUDIO - Tem uma coisa.

MARINA - O que?

CLAUDIO - Eu não te contei.

MARINA - Vamos prá Europa, heim?

CLAUDIO - O que?

MARINA - Prá Europa, sim senhor. Você sempre falou que ia me levar e por causa dessa bosta de trabalho na fábrica, nunca tirou férias, nunca deu.

CLAUDIO - Marina?!

MARINA - ~~xxxxxx~~ Não quero nem saber: Europa!

CLAUDIO - Deixa eu falar?

MARINA - Puta que pariu. Bendito Zé Armando!

CLADUIO - Marina?!

MARINA - Que é? Tá nervoso por que? Bôbo! A gente viaja aí com esse dinheiro do funco de garantia, e na volta você arruma emprego fácil, fácil, qual é? Fica com medo, não. Profissional como você eles contratam na hora, tá bom?

CLAUDIO - Posso falar?!

MARINA - Fala.

CLAUDIO - Senta aqui.

MARINA - Fala, ~~xxxxx~~ amor. Fala.

CLAUDIO - Presta atenção: Eu nunca te falei isso porque eu achava que não tinha nada que ver. Problema de contabilidade e coisa e tal, nada que ver, ~~xxxx~~ então?

MARINA - O que?

CLAUDIO - Isso que eu nunca te falei...

MARINA - Tô perguntando: o quê?

CLAUDIO - Logo no segundo ano de firma eles me chamaram lá no Departamento Pessoal.

MARINA - Quem?

CLAUDIO - Lá, da fábrica.

MARINA - Sei.



LAUDIO - Af, me propuseram um negócio. A gente tava casado há <sup>pouco</sup> ~~pouco~~ tempo. Pre-  
sava de uns dinheiros prá terminar de arrumar a casa... eu topei.

MARINA - O que?

LAUDIO - Tô contando. Eles me davam o fundo de garantia. Quer dizer: me manda-  
am embora...

MARINA - Mandavam embora?

LAUDIO - É. De mentirinha. Me contratavam no dia seguinte. Só mandavam embo-  
ra prá eu receber o fundo de garantia, entendeu?

MARINA - E daí?

LAUDIO - Dáí que eu recebia o décimo terceiro, férias, e fundo de garantia dos  
dois anos que eu tinha trabalhado. Com esse dinheiro que a gente mobiliou a ca-  
sa lá da rua da Glória, lembra?

MARINA - E daí?

LAUDIO - Daí, eles me contrataram outra vez, Só que diferente.

MARINA - Diferente, como?

LAUDIO - Eu abria uma firma no ~~meu~~ meu nome e no nome de mais alguém...

MARINA - Aqueles papéis!

LAUDIO - É. Aqueles que você assinou...

MARINA - Continua.

LAUDIO - E ~~af~~ eles aí contratavam a minha firma, entendeu?

MARINA - Não.

LAUDIO - Eu não sou empregado deles. Eu sou empregado da minha firma.

MARINA - E daí?

LAUDIO - Daí que não tem décimo terceiro, férias, fundo de garantia... nada.

MARINA - Desde treze anos atrás?

LAUDIO - É.

Marina vai lentamente para o banheiro. Silêncio.)

LAUDIO - Marina? ... Tudo bem?

Descarga de privada. Marina abre a porta. Branca.)

MARINA - Se você não trabalha prá eles há treze anos...

LAUDIO - Trabalho, né?

MARINA - Não! Você trabalha prá "Hossa " firma, certo?

LAUDIO - Que trabalha prá eles.

MARINA - Mas eu não te despedi!

LAUDIO - O que?

MARINA - (Desesperada) Eu não te despedi. Você se despediu?

LAUDIO - Não, Marina...

MARINA - (Corta) Então. Você ainda tá empregado. Eles não podem te despedir.

LAUDIO - Prestação de serviços.

MARINA - Hã?

LAUDIO - Eles não vão mais queres nenhum serviço da nossa <sup>firmas</sup> ~~firmas~~ e hoje em  
diante, entendeu? ~~É~~ É o jeito de me despedir.

MARINA - Sem décimo terceiro?

LAUDIO - Sem décimo terceiro.

MARINA - Férias?

LAUDIO - Fundo de garantia, nada!

MARINA - Puta que pariu, Claudio. Você tem que foder a vida desse Zé Armando,  
agora!

LAUDIO - Calma, amor!



MARINA - Claudio. Ou você fode a vida desse Zé Armando agora, ou quem te despe de sou eu!

(Claudio vai até Marina.)

CLAUDIO - Calma, amor?...

MARINA - Tira a mão de mim! Pensa af!

CLAUDIO - Cê tá nervosa!

MARINA - Nervosa? Eu tã puta da vida. Pensa af, Claudio. Já! Uma coisa prá foder a vida desse cara.

CLAUDIO - Não tem nada, Marina.

MARINA - Pensa! Tem que ter: minha viagem à Europa. Filho da puta! Pensa, Claudio. Cê não tá pensando. (No auge da histeria.) Peeeeennnnnsa, Claaaaauuuudiii (Claudio corre, pega o vidro de remédio; corre, pega água no banheiro, traz para Marina.)

CLAUDIO - Toma. Toma dois, toma?! Fica calma, Marina.

MARINA - Pensa, Claudio, pensa!

CLAUDIO - Fica calma, que eu penso. (Fica nervoso) Toma logo essa merda e cala essa boca!

(Marina pára de gritar e toma dois comprimidos de uma vez. Claudio toma ~~xxxxxx~~ também. Silêncio. Claudio sai correndo para o banheiro. Marina vai até o vidro e toma mais dois comprimidos. Descarga de privada. Claudio sai correndo abotoando a roupa.)

CLAUDIO - Marina do céu, lembrei!

MARINA - O que?

CLAUDIO - Uma coisa, Marina, uma coisa,

MARINA - Prá foder...?

CLAUDIO - Prá acabar com ele, ~~xxxx~~ com a fábrica. Marina do céu!

MARINA - Fala, homem?!

CLAUDIO - Me dá aqui o telefone. Que horas são? Seis horas. Ainda não saiu pro trabalho. Disca af prá casa dele, anda?

MARINA - 287-5786 (Excitada) Tá chamando!

CLAUDIO - Dá aqui. Alô?... Zé Armando! ... 'E melhor chamar, viu? Tô falando que é melhor chamar!

MARINA - Af, amorzinho. Mostra prá ela.

CLAUDIO - (Para Marina) Foi chamar. Deixa comigo: ouve só?! (Para o telefone) Alô?... presta atenção, você: Você vai agora mesmo lá na <sup>fábrica</sup> ~~fábrica~~, sobe lá na diretoria onde ~~x~~ você me endedou... presta atenção, pôrra?

MARINA - Af, amor.

CLAUDIO - Vai dizer prá eles que era tudo mentira. Tô falndo! Vai fazer isso, sim senhor. Direitinho!... A troco de que? (Canastrão) Ah-ah-ah. Vou te dizer a troco de que...

MARINA - Dá-lhe, amoreco!

CLAUDIO - Eu tô sabendo. Você entrou na fábrica, dois meses depois deu o rolo lá com a caldeira... Vá a merda você! ~~TEX~~ Tá lembrando da trena da caldeira, né? Daquele cara todo ~~x~~ torrado. Lembrou, agora? Te falei isso ainda ontem, claro que você lembra... Como é? Ficou mudo?

MARINA - Você fechou a boca do viado.

(Claudio pisca para a Marina. Vitorioso.)



CLAUDIO - Enfiou a língua no rabo?... O suficiente prá foder a tua vida. Tenho até a cópia daquele memorando aqui comigo... Isso mesmo. Agora ouve bem, ô, filho de uma puta: vai lá na diretoria...

MARINA - Dá-lhe!

CLAUDIO - ... e desmente tudo.

MARINA - Pede aumento!

CLAUDIO - E tem mais: vai me recomendar prá promoção, também.

MARINA - ~~ex~~ Isso!

CLAUDIO - Eu fodo a tua vida, tá legal?

MARINA - Fode, amor!

CLAUDIO - Acabo contigo, viado de merda!

(Marina grita no bocal do telefone.)

MARINA - Sifilítico!

CLAUDIO - Vou ficar esperando a resposta aqui em casa.

(Claudio ouve mais um pouco e desliga. Os dois se encaram ectasiados.)

MARINA - Claudio, você foi incrível!

CLAUDIO - Quero só ver arrotar agora prá cima de mim.

MARINA - Você foi incrível. Que história é essa?

CLAUDIO - Lembrei no banheiro, ~~uma~~ menina.

MARINA - Conta?!

CLAUDIO - Queria ver a cara dele.

MARINA - Se borrou de medo!

CLAUDIO - (ri) Falou que eu era um caso de polícia...

MARINA (ri) Quando?

~~CLAUDIO~~ CLAUDIO - (rindo) Agora, no fim... tava se borrando todo, o outro...

MARINA - Conta essa história? (pausa) Épa!

(Marina levanta correndo e vai para o banheiro.)

MARINA - Vou deixar a porta aberta. Conta?

CLAUDIO - Não sei como é que eu não liguei antes. Tão evidente...

MARINA - (No banheiro) Tô ouvindo...

~~CLAUDIO~~ CLAUDIO - Marina! Foi por isso que ele me dedou!

MARINA - Por que?

CLAUDIO - ~~É~~ Lembra da história da caldeira, que eu falei que o chefe de seção tinha recebido uma ordem por escrito do big boss lá de cima?

MARINA - Prá ~~xxx~~ mandar os caras entrar na caldeira mais cedo.

CLAUDIO - Então.

MARINA - Então o que?

CLAUDIO - O big boss era ele!

MARINA - O viado?

CLAUDIO - Em pessoa!

MARINA - ~~Ex~~ Claudio. Que loucura!

CLAUDIO - Eu fui contar justo prá ele que eu sabia dessa história. Claro que\* ele tinha que dar um jeito de me mandar embora!

MARINA - Mas você pegou ele de novo! Você tem mesmo a cópia do memorando?

CLAUDIO - Não. Já pensou se eu tivesse um negócio desse na minha mão? Ia ser um puta escândalo. Fechava aquilo tudo... Cê vai demorar?

(Marina aparece na porta. Claudio se joga para dentro do banheiro. Bate a porta.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARINA - Ele ficou de ligar de volta, né? Claudio?  
(Toca o telefone. Marina atende.)

MARINA - Alô? ... 34-46-82... Quem quer falar?... Ah, é?... E aqui é da Cia.  
Vá à merda!

(Bate o telefone. Pega outra vez. Ouve. Desliga. Fica intrigada. Descarga de privada. Claudio sai do banheiro e vai direto prá cama. Deita.)

CLAUDIO - ~~que~~ Que que deu na ~~gente~~ gente, heim?

MARINA - Nervoso, né?

CLAUDIO - Eu já tô calmo e continua...

MARINA - E agora? A gente faz o ~~que~~ que?

CLAUDIO - Vamos esperar. O viado vai ligar logo, logo, cê vai ver só. Peguei ele pelo saco.

(Toca o telefone. Os dois correm prá atender. Marina chega antes.)

MARINA - Alô?... 34-46-82...

(Enquanto Marina atende o telefone, Claudio corre para o banheiro. Deixa a porta aberta.)

CLAUDIO - (Do banheiro) É o viado?

(Marina escuta no ~~telefone~~ telefone em silêncio.)

CLAUDIO - (Do banheiro) Marina? Se for o viado aguenta aí que eu já vou...

(Marina desliga lentamente.)

MARINA - Era trote.

CLAUDIO (Do banheiro) Cê tá brincando! Seis e meia da manhã! Quem é que pode pensar em passar trote às seis e meia da manhã?!  
(Marina intrigada fica olhando para o telefone.)

CLAUDIO - (Do banheiro) Marina? Tá me ouvindo?

MARINA - Tô.

CLAUDIO (Do banheiro) Pega ~~uma~~ aí o vidro de calmante em cima do criado mu-do.  
(Marina vai pegar.)

CLAUDIO (Do banheiro) Pegou?

MARINA - Tá na mão. E daí?

CLAUDIO (Do banheiro) - ~~Despeja~~ Despeja os comprimidos na mão e olha firme ~~em~~ prá eles. (Ela faz)  
MARINA - Tô olhando.

CLAUDIO - É calmante? (Do banheiro)

MARINA - Queria que fosse o quê? Amendoim?

CLAUDIO - (Do banheiro) Laxante. A gente não sai do banheiro...

MARINA (Ri) Esteira...

(Claudio aparece na porta do banheiro arrumando a calça. Se olham felizes.)  
MARINA - Puxou a descarga?  
(Claudio bate na testa e entra correndo no banheiro. Marina sorri. Descarga de privada.)

MARINA - Vou fazer café...

(Quando ela passa pela porta do banheiro, Claudio salta em cima dela e a arrasta até a cama.)  
MARINA - (Rindo assustada) Claudio! Não faz isso!  
(Os dois ~~rolam~~ rolam na cama.)

CLAUDIO - Não quero mais saber disso. De hoje em diante mulher minha não ~~é~~ mais na cozinha...



MARINA - Bobagem, Claudio. (Dá um gritinho) Af, para com isso, seu bobo...  
 CLAUDIO - Vou te contratar 10 empregados. De uniforme. Que vão te cha mar de madame.  
 MARINA - Claudio!

Claudio levanta na cama e põe o pé em cima da barriga de Marina que morre de rir.)

CLAUDIO - Quero você: sos meus pés. Comendador Lordoso garante.  
 MARINA - (Morre de rir) Comendador Lordoso, Claudio?! Que que é isso?

CLAUDIO - Não te contei?  
 MARINA - Cê nunca me conta nada.\*

Teatro de Arena  
 Av. Borges de Medeiros, 835  
 Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CLAUDIO - Pois é o Zé Armando!  
 MARINA - O que?  
 CLAUDIO - (morre de rir) Dizem que ele dá pro chofer dele. Um negrão, ó. (faz negrão.)

MARINA - Cê tá brincando?!  
 CLAUDIO - O negrão vem numa pinta que só vendo: cada dia com uma roupa, tá bom? tratado a pão de ló!

MARINA - Se veste bem, é?  
 CLAUDIO - A turma da fábrica que botou apelido. E o viadinho todo besta lá dentro dos carros dele. Comendador Lordoso.

MARINA - Que que é Lordoso, Claudio.  
 CLAUDIO - Lordoso: lordo... (Ela não entende.) Bunda, sua boba!  
 MARINA - Claudio!

CLAUDIO - Deve ser cheio da nota, o viado.  
 MARINA - Comendador Lordoso...

CLAUDIO - Tá aí. Não tinha pensado nisso antes... Vou querer ganhar muito bem naquela fábrica, tá legal? Um cara que tem poder prá me mandar embora, que tem carro prá cada cor de terno, sustenta um negrão a pão-de-ló... Vai ter que me dar um puta aumento, é ou não é?  
 (Marina fica séria.)

MARINA - Ele é tão importante assim, Claudio?  
 CLAUDIO - Sei lá. Deve ser. Deixa ele ligar que nós vamos ver logo se é ou não é... tá aí ... não tinha pensado antes...

MARINA (Pensativa) Que que o viado quis dizer com caso de polícia?  
 CLAUDIO - Que caso de polícia?

MARINA - Ele não falou que você era caso de polícia?  
 CLAUDIO - Ah! O Zé Armando. (Ri) Falou!... (Imita) Você é um caso de polícia... (Morre de rir)

MARINA - Claudio? Porque que ele falou isso?  
 CLAUDIO - É jeito que viado tem de falar. Por que?

MARINA - (pausa) Ligou um cara da polícia prá cá.  
 CLAUDIO - (pausa) Agora?  
 MARINA - Antes. Cê tava no banheiro.

CLAUDIO - Tá brincando!  
 MARINA - Sério.

CLAUDIO - Disse o que?  
 MARINA - Queria falar com você.  
 (Silêncio)  
 MARINA - Mandei ele à merda.





Silêncio)

LAUDIO - Era trote.

MARINA (Pausa) - Cê acha?... Ligou outra vez. (Pausa) agorinha. (Pausa) Também, não falei nada. Só ouvi e desliguei.

LAUDIO - Que que eles falaram?

MARINA (pausa) Prá você ir prestar depoimento na delegacia.

LAUDIO - Que depoimento?

MARINA - Foi o que eles ã falaram.

...oca o telefone. Eles ficam olhando. Muito tempo. Marina atende devagar. Duve.)

MARINA - Prá você.

LAUDIO - Quem é?

MARINA - Mesma voz.

LAUDIO - Alô.... Ele mesmo... sim senhor... sim senhor... simm.... senhor... m, senhor.... (Ouve quieto e desliga.)

MARINA (pausa) Que foi?

Laudio senta na cama)

MARINA - Claudio?

LAUDIO - Escutendi e ele perguntou: "É o senhor Claudio José Soares ?" Eu falei: "Ele mesmo." Af ele falou: " O senhor trabalhava - ele disse - trabalhava na fábrica tal e etc. e tal, com o ordenado tal, pegava tal e qual condução quando não ia de carro..." e eu fui falando: "Sim senhor... sim senhor... Sim senhor."

MARINA (~~pausa~~ pausa) E aí?

Silêncio)

LAUDIO - Tô preso.

MARINA - Como é que é?

LAUDIO - Ele falou" o senhor está preso."

Silêncio)

MARINA - Por telefone?

Laudio corre até o armário, pega uma mala, joga em cima da cama e começa a tirar roupas e a enfiar dentro da mala. Marina, automática, ajuda.)

LAUDIO - Pega tuas coisas.

MARINA - Que é, Claudio?

LAUDIO - Vamos embora daqui.

Marina para de ajudar.)

MARINA - Ficou louco?!

LAUDIO - Esse cara é um tarado, Marina. Mandou a polícia atrás de mim!...

MARINA - Péra aí, Claudio?!

LAUDIO - Ajuda!

MARINA - Péra aí!?

LAUDIO - Ajuda tô dizendo! Essa hora deve estar tudo cercado. Esse cara é um tarado. (GRITA) Marina!

MARINA - Que foi?

Laudio corre para o telefone e procura na lista um número.

LAUDIO - Já deve estar tuão cercado!

MARINA - Que que você vai fazer?

Laudio disca o telefone, aflito.)

LAUDIO - Eu tô preso, Marina!



MARINA - Deixa der bêsta, Claudio?! E já pode prender por telefone?

CLAUDIO - Não me mandaram embora por telefone?!

MARINA - É diferente.

CLAUDIO - (para o telefone) Alô?! Alô, donde fala?... (procura se controlar)

Aqui quem está falando é o senhor Claudio ~~xxxxix~~ José Soares....

MARINA - Com quem cê tá falando, Claudio?

CLAUDIO - E trata-se de uma emergência...

MARINA - Que número é esse, Claudio?

CLAUDIO (Apavorado) Por ~~mf~~ favor, é uma emergência! Manda logo prá cá...

ãhn? (Ouve aflito) O endereço? (para Marina) O endereço.

MARINA - Que endereço Claudio?

CLAUDIO - O endereço daqui, pôrra, que endereço?!

MARINA - Ah!

(Marina tenta lembrar.)

CLAUDIO - Marina?

MARINA - Tô lembrando. (rápido): Tamandaré, 400 apto. 3...

CLAUDIO (para o telefone) Tamandaré 400 apto. 3...

MARINA - A.

CLAUDIO - A!... Não sei. (Furioso para Marina) Que que quer dizer A!

MARINA - 3 A.

CLAUDIO - Ah! O apartamento -é 3A!... por favor é uma emergência. Por favor...

o que... SEI. É... (Começa a estalar os dedos para Marina como q ue pedindo ajuda.)

(Marina também esta la ~~xxxxx~~ os dedos sem saber o que ele quer. Os dois ficam quase pulando, um na frente do outro. A cena deve ir num wrescendo de hi- teria até as coisas não terem mais sentido. A partir desse momento até o final do espetáculo, os doi vão enlouquecer cada vez mais.)

CLAUDIO - Marina ajuda!

MARINA - Eu não sei o que é que você quer!...

CLAUDIO - Uma ~~doença~~ doença! Fala aí uma ~~doença~~ doença qualquer...

MARINA - Câncer!

CLAUDIO - (Rápido para o telefone) Câncer... é sim senhor!

(Marina continua pulando e estalando ps dedos.)

CLAUDIO (Ao telefone) Como não tem pressa?! Eu tô dizendo que tá com câncer..

Alô? alô!

MARINA - Me fala Claudio, que que é isso?!

CLAUDIO - Bateu na minha cara!

MARINA - Claudio José!

CLAUDIO - Bateu na minha cara, Marina!

MARINA - ~~quem~~ Quem vai bater na tua cara, logo, logo, sou eu...

CLAUDIO - Pára de pular feito louca!?

(Marina para.)

CLAUDIO - Bateu na minha cara. Disse que câncer não ~~tem~~ ~~tem~~ e desligou, ~~xxxx~~ rina!

MARINA - Que telefone era esse, Claudio?

(Claudio fica andando pelo quarto.)

CLAUDIO - E agora, Marina, e agora?!!

MARINA - (Grita) Claudio José, estou falando....

CLAUDIO - (Grita) Ambulância.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



MARINA - Que ambulância?

CLAUDIO - (Desesperado) É. Ambulância... chamei ambulância...

MARINA - (Quase chorando) Que que houve, Claudio?!

CLAUDIO - (Ohora) Ambulância, ambulância, ambulância... Eu tô preso, né Marina?

(Os dois se abraçam, desesperados. As coisas já não tem muito sentido.)

MARINA - Claudio...

CLAUDIO - Se a ambulância chega antes eles não me levam mais. Eu vou pro hospital mas não vou preso...

MARINA - Com câncer...

CLAUDIO - E agora, Marina, e agora?

MARINA - Era trote, amor. Só ~~andar~~ pode ter sido trote!

CLAUDIO - Liga aí, Marina? Liga aí, liga?!

MARINA - Calma, amor...

CLAUDIO - Liga prá algum lugar, prá outra ambulância, liga?

MARINA - Eu ligo. Fica calmo....

CLAUDIO - Bombeiro!

MARINA - Ah?

CLAUDIO - Bombeiro! Eles vem logo! O bombeiro, liga, liga.

(Claudio começa a pular na frente de Marina. Marina procura rápido o número na lista.)

MARINA - Tá aqui.

(Marina começa a discar.)

CLAUDIO - Chama o bombeiro... chama a ambulância também...

(Claudio sai do quarto)

MARINA - Pfa onde ~~está~~ cê vai?

CLAUDIO - (Fora) Vou passar a tranca na porta da rua.

MARINA - Fecha a do corredor também. (para o telefone) ALO! É uma emergência.

Fogo. Muito fogo. (Grita) Socorro, fogo! Socorro?!

(Claudio entra correndo)

CLAUDIO - Que foi? Que foi? Que foi?

MARINA - É fogo, sim senhor. (TOM) É do bombeiro que tá falando, né? ... Fogo! Socorro?!

CLAUDIO - Isso amor, convence.

MARINA - Eu fico calma... sim senhor, é... (Estala os dedos para Claudio. A situação se inverte. Claudio fica pulando.) O endereço, Claudio?!

(Claudio estala os dedos.)

MARINA - (Rápido) Tamandaré 400 apartamento...

CLAUDIO - (Corta rápido) 3 A!

(Marina levanta o polegar para Claudio, mas não diz o nome)

CLAUDIO - Eles vem?!

MARINA - Como?... Não disse?!... Como não? 3 A.

CLAUDIO - Eles vem?!!

MARINA - Fico, s im senhor... Fogo! Fogo!...

(Marina desliga suavemente o telefone.)

CLAUDIO - Eles vem?!

MARINA - Disse que eu liguei prá seção errada, que eu tinha que ligar prá outro número, mas que iam ~~quebrar~~ quebrar meu galho.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



CLAUDIO - Iiiiiuuuuupiiii! Ajuda aqui.

(Claudio começa a empurrar a cama para a porta.)

CLAUDIO - Ajuda, mulher?!

(Marina começa a empurrar a cama com esforço.)

MARINA - Pfa que isso?

CLAUDIO - Barricada, ajuda.

(O telefone toca. Os dois assustam.)

CLAUDIO - Não atende.

(Os 2 apavorados.)

CLAUDIO - Não atende!

MARINA - / E se for...

CLAUDIO - Não ~~xx~~ atende!!

MARINA -- ... Se for o bombeiro....

CLAUDIO - Não atende!!!!

MARINA - ... Prá confirmar...

CLAUDIO - Não atende!!!!!

MARINA (Grita) Prá confirmar o endereço, Claudio!?

CLAUDIO - Atende rápido!

(Marina se despenca para o telefone.)

MARINA - Alô... (Ouve) Sim senhor...

CLAUDIO - Quem é?

MARINA - Um momentinho... prá você.\*

CLAUDIO - A polícia!

MARINA - Quem quer falar?... Ah... pois não. ( Para ~~Emk~~ Claudio.) Alfaiate?!

CLAUDIO - Dá aqui? Alô?! ... sim senhor... Não. Deve ser ~~alguma~~ engano... É Ta mandaré 400 apto. 3A. (Ouve) Não. (Grita) Não! É verdade, sim. Fogo! Fogo! É verdade... Alô? Alô! Era o bombeiro Marina! alô!

MARINA - Disse que era...

CLAUDIO - Telefonou prá confirmar...

MARINA - ... Alfaiate, o filho....

CLAUDIO - ... se não era trote, e nós caímos...

MARINA -- ... puta!

CLAUDIO - .... direitinho! Alô? Alô!

(Toca a campainha da rua. Insistentemente. Os dois estacam. Falam baixo. Não mexem um músculo.)

MARINA - É aqui?

CLAUDIO - É.

MARINA - A polícia?!

CLAUDIO - (Sem se mexer, apavorado) Liga aí, Marina, liga aí?!

MARINA (Desesperada) Pfa quem Claudio, prá quem?!!

CLAUDIO - (Sem mexer. A campainha toca novamente.) Qualquer um, liga aí, Diz ~~xxxx~~ que tem ladrão aqui em casa. Liga, Marina? Diz que tem ladrão!...

MARINA - Aí vão chamar a polícia, Claudio!

(Claudio e Marina não se mexem. A campainha ~~continua~~ tocando.)

CLAUDIO (Pausa) E se não for a polícia?

MARINA - Quem então?

CLAUDIO - A ambulância!

(Claudio despenca para a porta. Começa a afastar a cama. Marina ajuda. A campainha tocando)



Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

CLAUDIO - Já vai. Já vai.

MARINA - Tamos indo...

CLAUDIO - Um minutinho só.

(A campanha para de tocar. Claudio e Marina desobstruem a porta. Claudio despenca para fora. Marina senta exausta na cama. Claudio volta correndo.)

CLAUDIO - E Fica aí com cancer!

(Claudio sai. Marina não entende. A campanha recomeça. Claudio volta correndo vai até o guarda roupa, pega uma calça e veste sobre a calça do pijama.)

CLAUDIO - Deita aí, Marina! Quem tá com câncer fica deitada...

(Sai. Marina com cara de bobda. É tudo muito rápido. Marina deita. Silêncio. Marina levanta a cabeça. Silêncio. Marina senta na cama, levanta devagar e sai do quarto. Claudio entra voando e já começa a empurrar a cama contra a porta. Marina passa pela fresta que sobra e consegue entrar no quarto.)

MARINA - Que foi?

CLAUDIO - (Empurrando a cama) Era a polícia.

(A campanha recomeça a tocar seguida de batidas na porta. Os dois ficam se olhando em silêncio. Desespêro. Pavor. Ameaça: as batidas na porta, a campanha ~~XXXXXXXX~~ sem parar. Claudio corre para o telefone.)

(Agora a coisa toda deve ir num frenesi total até o fim do espetáculo. Tudo deve acontecer ao mesmo tempo: a campanha, as batidas na porta, vozes, Claudio falando ao telefone, Marina discursando, e no fundo desse inferno todo, num sossego discreto a ~~XXXX~~ princípio, crescendo no fim até cobrir todos os outros sons: sirenes! Da polícia, de ambulância, de bombeiros: sirenes! O Desespero deles é real.

MARINA - (Grita para fora) - Pára com ~~XXXXXX~~ isso! Quer parar de tocar essa ' campanha? Isso aqui é um prédio de respeito, não o é qualquer um, não. Aqui mora gente trabalhadora, gente honrada, com responsabilidade. Gente que paga imposto! Somos nós que pagamos os seus ~~XX~~ salários! Para de bater na porta! Nós que estamos pagando essa violência toda! Meu Deus, como é que eu não percebi isso antes?! Eu sou sua patroa, estão me ouvindo? Pára com isso?! Aqui vocês não podem entrar, por que eu não quero: Eu sou sua patroa. Meu lar é meu castelo, ninguém pode entrar sem ordem minha, estão me ~~XXXX~~ ouvindo?!...

CLAUDIO -(Ao mesmo tempo) Alguém tem que ajudar. Alguém tem que ajudar a gente. (disca o telefone) ~~XXXXXX~~ Eles ~~XX~~ vão entrar Marina! (para o telefone) Alô!?!... Alô!?! por favor eu preciso de ajuda! A polícia tá batendo na porta, tão querendo entrar. Eu não fiz nada, sou trabalhador, cumpridor dos meus deveres. Por favor, eu tô desesperado... Não! Não vou me matar, não, dona, eu só quero ajuda... Não, a senhora não entendeu, não esse ~~XXXXXX~~ tipo de ajuda, dona, por favor... Pôrra já falei... eu sei que é o CVV, fui eu que liguei... (Claudio bate o telefone e começa a discar outro número.) Eles não entrar, Marina! Faz alguma coisa. Eles vão entrar... Alô? É da companhia de gás?... Um vazamento... vai explodir... venham rápido: Tamandará 400 (para o fone, discar outro número.) Ninguém pode entrar assim na casa da gente, Alguém tem que fazer alguma coisa!

(Ouve-se o barulho da porta da rua sendo arrombada.)

MARINA - (apavorada) Claudio!.. Estão no corredor...

CLAUDIO - (para o telefone) Socorro! Por favro, socorro! Tamandará 400. (desliga. Liga outro número.)

MARINA - Alguém, favor!

